



Sobre Stalin, a Revolução Mundial e o Cáucaso

LIVRO 1

Sobre Stalin, a Revolução Mundial e o Cáucaso

Artigo em 3 partes publicado pelo Comintern / ML

Escrito por Wolfgang Eggers

Tradução para o inglês graças à Seção EUA do Comintern (SH)

(Comintern / ML = renomeado em 2009)

Parte um

SOBRE OCASIÃO DOS EVENTOS NA GEÓRGIA (2008)

Oh, heróica Geórgia de Stalin -
enterrada por balas inimigas,
atingida nas montanhas do Cáucaso,
se você pudesse ressuscitar dos mortos,
se seu corpo de repente voltasse à vida,
então você sacrificaria seu coração novamente
na luta contra os inimigos de Stalin,
mais uma vez você morreria pelo comunismo -
aqui onde Stalin nasceu.

A luta intensificada pelo lucro global é expressa pelos métodos cada vez mais brutais dos predadores globais de afogar seus concorrentes no mercado mundial, de destruí-los financeira, política e militarmente. Os grandes comem os pequenos e seguem inevitavelmente a lei do capitalismo mundial, que é: maximização dos lucros globais, não pela exploração deste ou daquele país por este ou daquele país, mas pela exploração global de todos os países, pela maior governante organização económica e círculos financeiros no mundo, a fim de se apropriarem de um país após o outro em escala global. Para manter seu poder, a fim de sair de sua grande crise, o imperialismo mundial é forçado a preparar uma guerra global contra todos os povos do mundo. Mas onde o capitalismo mundial consegue o dinheiro para financiar suas campanhas globalizadas? Simplesmente o obtém de seus bancos e eles os recebem dos governos, que por sua vez vendem seus contribuintes. Em linguagem simples: com a exploração e opressão intensificadas do proletariado mundial, os capitalistas mundiais financiam as guerras globais contra o proletariado mundial com o objetivo de poder explorá-lo e oprimi-lo ainda mais, a fim de satisfazer sua crescente fome de lucro global. O imperialismo mundial agora virou todos os países do mundo de cabeça para baixo para eliminar as últimas reservas financeiras deles - o mercado de ações internacional entra em colapso para financiar a continuação de suas guerras de pilhagem globais contra o povo do mundo para financiar o fascismo mundial, a contra-revolucionária luta de classes da burguesia mundial contra o crescente proletariado mundial e sua revolução mundial que se aproxima inevitavelmente.

A trégua entre as guerras imperialistas mundiais parece terminar com isso. Parece que o imperialismo mundial não tem intenção de finalmente depor as armas contra a Rússia após o socialismo e a "Guerra Fria". Parece ter a intenção de mover o teatro de guerra para o sul, para a região da Transcaucásia, onde não se pode mais excluir a Geórgia, de acordo com seus deveres como amante do imperialismo ocidental (por exemplo, 3,5 bilhões de euros são-lhes fornecidos pelos "países doadores", que na realidade são os "países beneficiários", porque certamente espremerão mais de 3,5 bilhões da Geórgia novamente!) não recusarão seus serviços. Parece ao imperialismo mundial, que está em profunda crise, que a Terra pode se tornar estreita demais para ficar junto com a Rússia, aquele país com enormes recursos minerais e naturais, que talvez um deles possa respirar mais ou teria que afundar para que "a paz na terra" prevaleça. Se for esse o caso, a Rússia imperialista não tem escolha a não ser pegar em armas em resposta às provocações militares da Geórgia Ocidental, e o fez invadindo a Geórgia. Com a retirada dos tanques russos, parece que o assunto ainda não acabou. O imperialismo internacional não ficará nem poderá se satisfazer com isso em vista de sua própria crise mais profunda e será "forçado" a continuar sua política expansionista em direção ao Oriente com mais força de armas para aprofundar e ampliar o conflito se a Rússia não se permitir ser "Voluntariamente integrada" (isolada) economicamente e ajoelhada.

Não é por acaso que os imperialistas mundiais agora também obrigaram o governo russo a condenar oficial e não-oficialmente a eliminação revolucionária do czar e do czarismo como um "crime dos bolcheviques" e a humilhar o orgulhoso ex-povo soviético, os vencedores dos odiados, czarismo antipopular e imperialismo russo brutal. Isso mostra quão grande é o medo que os imperialistas ainda têm do bolchevismo, dos povos soviéticos, mesmo depois de cem anos. Também mostra que eles temem a propagação renovada do bolchevismo de hoje, temem uma Revolução de Outubro renovada e eles realmente avaliam esse perigo ameaçador de maneira bastante realista. A burguesia mundial condena a história do bolchevismo e, portanto, tudo o que se refere e se baseia em sua história. Mesmo sem ter que dar uma olhada de perto no bolchevismo mundial, sem sequer olhar ideologicamente para ele, é condenado pela mesma razão que é determinado como uma continuação e desenvolvimento do bolchevismo russo. É facto que o velho bolchevismo está sendo criminalizado novamente e os novos bolcheviques mundiais estão sendo classificados como "criminosos perigosos" sendo tratados com mais severidade, não apenas na Rússia, mas em todo o mundo. Portanto, novamente, será o próprio imperialismo mundial que não impedirá a disseminação do bolchevismo pela segunda vez, mas, pelo contrário, fará aos bolcheviques um serviço global, desta vez, de maneira propagandística. Quanto mais nos insultar, bolcheviques mundiais, mais simpatia e apoio receberemos das massas revolucionárias anti-imperialistas, mais o imperialismo mundial cavará sua própria sepultura, maiores e mais convencidos serão nossos seguidores bolcheviques. As multinacionais e seu centro de liderança americano não fazem uma única concessão militar, nem uma única concessão na política de manter os estados e povos sob seu jugo e sob seu controle, na política de exploração e opressão global de todo o mundo, especialmente na política de combate à disseminação global do bolchevismo mundial, na luta contra os esforços de reavivamento e unificação dos bolcheviques de hoje em todos os países do mundo.

Não é difícil adivinhar por que a OTAN, especialmente os EUA, tem tanta pressa de fazer da Geórgia seu membro. Essa base militar deve ser construída, como qualquer outra, e não apenas nas fronteiras da Rússia, com a intenção de fornecer aos mestres em Wall Street lucros gordos com a guerra e fontes de matérias-primas. A Geórgia é um elo da cadeia da preparação imperialista mundial de uma guerra pela escravidão global de todos os povos do mundo. "Ajuda à Geórgia" - que é a exploração deste país pelo imperialismo global, que vem principalmente dos EUA e de seus aliados, é a ajuda militar que a Geórgia deve dar para sua guerra global predatória.

No capitalismo, as relações com a Geórgia são relações de dominação e subjugação, levando à ruína e subjugação de todos os países do Cáucaso. Na época do socialismo, sob a liderança de Stalin, havia irmandade, igualdade, paz, prosperidade e desenvolvimento económico entre os povos soviéticos, especialmente na Geórgia e seus estados vizinhos no Cáucaso. Acima de tudo havia forças armadas próprias, que foram capazes de defender vitoriosamente todas as incursões, por vezes juntando vários exércitos, pelos próprios povos soviéticos. A história ensina que, com a crise do capitalismo mundial, o perigo de suas aventuras bélicas também aumenta porque é forçado a passar sua crise ao proletariado mundial e aos povos do mundo por meios extremos. Esta é a razão pela qual o proletariado mundial deve inevitavelmente preparar-se para a luta anti-imperialista, armada globalmente, para desarmar o imperialismo mundial. Não há outra maneira de impedir as atividades dos incendiários da guerra global e seus planos agressivos.

Stalin disse: "Mas seria equivocado pensar que (...) esses países vão tolerar o domínio e a opressão dos Estados Unidos sem parar, que não se esforçarão para se libertar da escravidão americana e seguir o caminho do desenvolvimento independente." (Stalin: "Problemas económicos do socialismo nos EUA"; Moscou; 1952; p.38; Edição em inglês).

"As contradições e dificuldades internas dos participantes do Bloco do Atlântico Norte (nota do editor: por exemplo, sobre a atual admissão, não inclusão ou "a ser adiada" admissão da Geórgia na OTAN) atrapalham a realização de seus planos agressivos." (Stalin, como citado em: "Contribuição da discussão no 19º Congresso do Partido da C.P.S.U. (B.), Stuttgart; Ano desconhecido; p.21; Traduzido do alemão).

Proletariado mundial, afastai as armas globais contra você, uni todos os países sob seus braços e leve os povos armados por você à vitória revolucionária sobre o imperialismo mundial! Que sua luta pela paz, venha antes do início ameaçador de uma guerra imperialista global e use seu poder revolucionário mundial para forçar o imperialismo mundial a se render!

Proletariado mundial, se não fordes capaz de impedir sua eclosão, transformai a guerra mundial imperialista em uma guerra mundial de libertação revolucionária contra o imperialismo mundial, em uma guerra civil global, em uma revolução socialista mundial!

Vocês, povos da Transcaucásia, unidos aos seus irmãos soviéticos, destruíram as tropas hitlerianas no sopé do Cáucaso. Foi precisamente a unidade dos povos da Transcaucásia com todos os outros povos soviéticos que fortaleceu o Cáucaso. Os inimigos estrangeiros eram impotentes contra a unidade armada dos povos soviéticos, e eles tiveram que capitular! Você provou isso com brilhantismo histórico porque frustrou os planos do inimigo de invadir seus campos de petróleo e os planos deles de desviar as principais reservas soviéticas para o sul. E assim como você salvou o Cáucaso da escravidão com o exército soviético, com Estaline à frente, com seu suor e sangue, você deve hoje continuar vitoriosamente essa luta Stalinista contra a renovada escravização vinda do exterior.

Da luta geoestratégica dos imperialistas mundiais no Cáucaso, nasce a luta geo-estratégica do proletariado mundial, o proletariado mundial, com a ajuda dos povos da Transcaucásia, unidos fraternamente, transforma as intenções geopolíticas da contra-revolução em o Cáucaso (= fomentar a animosidade entre os povos caucasianos com o objetivo de enfraquecer e anexar toda a Transcaucásia) em instrumentos de libertação para a revolução mundial. O que isso significa em termos concretos? Se o proletariado mundial tiver o apoio revolucionário mundial da Transcaucásia, ele unirá os países ao norte, sul, leste e oeste do Cáucaso, o Cáucaso será transformado a partir do antigo muro de proteção contra o cerco imperialista mundial, como era no primeiro período do socialismo, em um portão aberto e pulsante do socialismo mundial entre a Europa socialista e a Ásia socialista, todas as fronteiras geoestratégicas do Cáucaso serão abertas para a unificação de todos os países europeus e asiáticos, que serão conectados com a ajuda dos povos do Cáucaso para a formação da grande república socialista mundial supra-continental, uma república baseada em todas as repúblicas do mundo e na qual todas as repúblicas do mundo podem se basear.

Da luta geoestratégica dos imperialistas mundiais no Cáucaso, nasce a luta geoestratégica do proletariado mundial, o proletariado mundial, com a ajuda dos povos da Transcaucásia, unidos fraternamente, transforma as intenções geopolíticas da contra-revolução no Cáucaso (= fomentar a animosidade entre os povos caucasianos com o objetivo de enfraquecer e anexar toda a Transcaucásia) em instrumentos de libertação para a revolução mundial. O que isso significa em termos concretos? Se o proletariado mundial tiver o apoio revolucionário mundial da Transcaucásia, ele unirá os países ao norte, sul, leste e oeste do Cáucaso, o Cáucaso será transformado a partir do antigo muro de proteção contra o cerco imperialista mundial, como era no primeiro período do socialismo, em um portão aberto e pulsante do socialismo mundial entre a Europa socialista e a Ásia socialista, todas as fronteiras geoestratégicas do Cáucaso serão abertas para a unificação de todos os países europeus e asiáticos, que serão conectados com a ajuda dos povos do Cáucaso para a formação da grande república socialista mundial supra-continental, uma

república baseada em todas as repúblicas do mundo e na qual todas as repúblicas do mundo se podem basear.

Os povos das regiões fronteiriças no Primeiro Período do Socialismo foram submetidos a repressões especiais do capitalismo por causa de sua posição como uma fronteira antagônica entre socialismo e capitalismo, porque o caminho que o imperialismo mundial tomou para liquidar o centro socialista é impedido e entravado pela liderança autônoma pelas regiões fronteiriças. E vice-versa, as regiões fronteiriças da URSS também formaram uma ponte para influenciar os estados que faziam fronteira com a URSS. Isso significa que nas regiões fronteiriças havia condições particularmente difíceis para os confrontos entre socialismo e capitalismo, que as lutas de classes assumiram um caráter especial. Lá, o capitalismo e o socialismo se poderiam unir nas duas direções e também neutralizar, misturar, reconciliar, coexistir, etc. Por outras palavras, o perigo da restauração do capitalismo desempenhou um papel especial para os soviéticos. Repúblicas socialistas nas regiões fronteiriças. Sem suas regiões fronteiriças, o proletariado russo não poderia ter conseguido sua vitória em outubro. De fato, pode-se até falar de uma dupla exploração e opressão, isto é, a opressão e exploração do social imperialismo russo e a exploração e opressão do imperialismo mundial, sem mencionar a opressão e exploração da burguesia nacional "indígena". Isso moldou e ainda molda a luta de classes dos povos do Cáucaso.

As regiões fronteiriças já passaram por grandes testes em sua função protetora histórica. Sem eles, o socialismo não poderia existir por um único dia no Primeiro Período. Sem eles, o socialismo não seria capaz de se espalhar para se tornar uma ponte entre o primeiro estado socialista e todos os estados socialistas subsequentes. No entanto, o revisionismo moderno, impediu sua transformação de repúblicas no muro protector, para cabeças de ponte da República Socialista Mundial.

As regiões fronteiriças podiam participar das realizações socialistas, desenvolver-se bem por todos os lados, e eram protegidas pelo "irmão mais velho", mas também estavam expostas a grandes perigos e infiltrações, sabotagens, perturbações e outras agressões contra-revolucionárias do lado imperialista mundial direta e imediatamente ao seu redor, bem como das correntes nacionalistas e separatistas do lado dos remanescentes burgueses ou mais tarde por parte dos revisionistas modernos, que tentavam equipar as regiões fronteiriças do socialismo, com apoio indireto ou influência direta do imperialismo mundial e seus instrumentos de infiltração, é claro. Essa situação também nunca foi fácil para os povos socialistas do Cáucaso, por exemplo, no que diz respeito ao contacto limitado ou mesmo cortado com os povos vizinhos que eram adjacentes às regiões socialistas da fronteira e que primeiro sofreram sob o domínio do imperialismo mundial e, em segundo lugar, não tinham acesso, não havia intercâmbio cultural e ainda tinham muito pouca solidariedade direta das regiões socialistas da fronteira. Em resumo: a fronteira entre capitalismo e socialismo também criava uma fronteira não natural entre todos os povos, sem exceção nas áreas fronteiriças de ambos os lados do arame farpado. Porém, no Primeiro Período do Socialismo, essa situação dos povos nas zonas fronteiriças era inevitável e esforços especiais tiveram que ser feitos para melhorar as boas relações de vizinhança dos povos fronteiriços.

Por outro lado, tudo será diferente para os estados nas zonas de fronteira no segundo período, e será mais fácil porque, então, como as forças inimigas que não estão mais se enfrentando estão concentradas em uma parede de proteção. Por que o socialismo mundial precisa de paredes protetoras? Elas não existem mais porque as forças do imperialismo mundial foram destruídas e o perigo do cerco será superado uma vez por todas. Isso beneficia todos os povos da Transcaucásia. Por seu lado, a República Socialista Mundial, baseada na confraternização dos povos do Cáucaso, garante a proteção da Transcaucásia contra ameaças externas, uma base importante para a confraternização dos povos do Cáucaso. No socialismo mundial, os povos do Cáucaso finalmente podem viver em paz depois de milhares de anos, tornar-se-ão aceites porque não existem maiores potências capitalistas, nenhum capitalismo, cujo objetivo é tornar o

Cáucaso subserviente para eles, fomentando a animosidade dos povos fraternos e das diferentes nacionalidades. Como resultado, os povos do Cáucaso florescem como ponte da amizade internacional e não precisam mais defender sua liberdade e cultura nacional contra os perigos do norte, sul, leste ou oeste, como costumavam fazer. Assim como o socialismo mundial resolve para sempre os problemas nacionais e sociais dos povos da Transcaucásia, os povos do Cáucaso ajudam a resolver os problemas globais do proletariado mundial dominante.

As tropas russas hoje são tropas imperialistas, essencialmente não diferentes das tropas hitleristas que invadiram o Cáucaso durante a Segunda Guerra Mundial para colocar as mãos no petróleo. Os fascistas no Kremlin não estão tentando colocar as algemas militares em nenhum país, mas no país natal do camarada Stalin, que se orgulhava de pertencer à URSS. O bombardeio de Gori não é o bombardeio de nenhuma cidade, pois é o berço do camarada Stalin! É por isso que a anexação da Geórgia e de todo o Cáucaso, seja pelo Oriente imperialista ou pelo Ocidente imperialista ou por uma anexação dividida entre as duas potências imperialistas, é um ataque ao Cáucaso, ao povo georgiano, a Stalin, ao mundo proletariado e em todos os povos do mundo. Portanto, o proletariado mundial do lado dos trabalhadores e camponeses da Geórgia deve repelir esse ataque e defender a Geórgia, o berço de Stalin, e ajudar os georgianos a recuperar sua antiga República Soviética. Quem ataca Gori ataca Stalingrado! Quem caiu em Stalingrado também cairá em Gori!

Sua burguesia está vendendo o Cáucaso pelo maior lance. O Cáucaso está em dívida com o Ocidente. Georgianos, vocês devem, portanto, travar a luta de classes não apenas contra os invasores estrangeiros, mas também contra o inimigo interno da classe que é paga pelos imperialistas para escravizá-los e vender suas riquezas. O petróleo do Cáucaso e todos os seus outros recursos minerais tornaram-se novamente uma base indispensável do imperialismo mundial e, portanto, uma base para a condução de guerras imperialistas a partir do Cáucaso. O imperialismo mundial usou seu fantoche georgiano para fazer guerra contra outras nacionalidades caucasianas. E os mercenários georgianos não evitaram usar armas americanas e europeias para criar um banho de sangue no Cáucaso, mesmo contra os georgianos que viviam pacificamente como minorias nas áreas invadidas. As minorias nacionais que mais sofrem são as que são esmagadas, deportadas e desabrigadas por despejos forçados de suas casas e apartamentos. Já em 10 de fevereiro de 1921, Stalin escreveu no Pravda nº 29, e isso é quase exatamente o que está acontecendo hoje na Geórgia:

“A guerra imperialista, que desnudou as contradições nacionais inconciliáveis e a falência interna dos estados multinacionais burgueses, intensificou extremamente os conflitos nacionais (...) e, finalmente, como a solução burguesa mais “radical” do país. Questão, que levou à formação de novos estados nacionais burgueses (... Geórgia ...). Mas a formação dos novos estados nacionais independentes não provocou e não pôde provocar a coexistência pacífica de nacionalidades; não eliminou nem pôde eliminar a desigualdade nacional ou a opressão nacional, pois os novos estados nacionais, baseados na propriedade privada e na desigualdade de classe, não podem existir:

- a) sem oprimir suas minorias nacionais (... a Geórgia, que oprime ossétios, abkhazianos e armênios ...);
- b) sem ampliar seus territórios às custas de seus vizinhos, o que dá origem a conflitos e guerras (... Geórgia contra Armênia, Turquia ...);
- c) sem submeter-se ao domínio financeiro, econômico e militar das "grandes" potências imperialistas". (Stalin: 'As tarefas imediatas do Partido na questão nacional' em: 'Trabalhos', volume 5; Moscou; 1953; p.18-19; Edição em inglês.).

O direito internacional é violado pelos agressores russos da mesma maneira criminal que o Ocidente Imperialista. Hoje, o direito internacional, foi vítima do imperialismo mundial.

O genocídio cometido no Cáucaso, tanto pelo Ocidente quanto pela Rússia e seus respectivos lacaios no Cáucaso, é profundamente abominável e deve ser condenado. É uma guerra imperialista de assalto que é travada por ambos os lados às custas dos povos do Cáucaso. É uma guerra injusta de ambos os lados, que só pode ser respondida com a única guerra justa, com a guerra de libertação proletária anti-imperialista e mundial, a fim de garantir uma paz duradoura. O proletariado mundial mostra solidariedade com os povos do Cáucaso contra o genocídio imperialista. Tomar partido no sentido revolucionário mundial só pode significar apoiar incondicionalmente os povos caucasianos na luta pela libertação de qualquer poder imperialista, ativa e energeticamente, não apenas em palavras. Vamos anti-imperialistas de todo o mundo virar a mesa e fazer da Geórgia e de todo o Cáucaso uma base da revolução mundial contra todos os agressores imperialistas, no espírito de Stalin!

Os anti-stalinistas na Geórgia vão e vêm, mas os georgianos, que já haviam pendurado seus retratos de Estalin nas paredes durante a vida de Stalin, permanecerão! A lealdade do povo georgiano ao seu filho e líder é ininterrupta e permanecerá assim para sempre! Não foi sem resistência dos georgianos que um dos maiores monumentos de Stalin do mundo, que se erguia sobre toda a cidade velha de Tbilisi, foi removido. Isso só foi possível com a presença pessoal de Khrushchev em Tbilisi (aliás, Khrushchev deixou Fidel Castro participar desse "espetáculo" criminoso!). E hoje os imperialistas russos foram ainda mais longe: eles bombardearam os apartamentos e as casas de Gori, o povo de local de nascimento de Stalin! Você pode derrubar as estátuas de Stalin, pode lançar bombas sobre a Geórgia o quanto quiser, mas não pode banir o espírito de Stalin, a vida e o trabalho de Stalin da Geórgia! A estátua de mármore de Estalin ainda está em seu local de nascimento, Gori. Ainda existe o Museu Estalin em Tbilisi. Hoje, 37% dos georgianos, 55 anos após sua morte, declararam publicamente seu apoio a Estalin. Os georgianos são um povo orgulhoso e amante da liberdade e nunca se resignaram à sua violenta escravização. A Geórgia Socialista ocupava um lugar de honra na comunidade socialista internacional da URSS. Em contraste com os chamados "países doadores", já era um país socialista próspero, com uma cultura muito superior à do chamado "mundo civilizado". Mesmo sob o calcanhar do social-imperialismo russo, a Geórgia lutou por sua libertação, assim como hoje luta contra os ocupantes fascistas russos e continuará a lutar por uma Transcaucásia pacífica e independente.

Georgianos, aprendam com vosso filho e líder Stalin novamente e vocês vencerão o imperialismo mundial! Lutem no espírito stalinista do internacionalismo proletário! Fraternizar com os povos da Transcaucásia, confraternizar com o proletariado mundial contra o imperialismo mundial e seus companheiros / rivais russos! Limpem seu país dos invasores imperialistas do Oriente e do Ocidente e peguem suas armas em silêncio, mas não as direcionem contra os povos fraternos caucasianos, não contra o povo fraterno russo, mas contra todos os invasores imperialistas de sua terra natal e seus lacaios reaccionários, entre os círculos de emigrantes caucasianos! Prepare a Transcaucásia para a revolução do proletariado mundial! Proletários da Geórgia, nós Bolcheviques Mundiais do Comintern (ML) chamamos apelamos a vocês: reconstruam o Partido Bolchevique de Lenin e Stalin, no qual você une os proletários de todas as nacionalidades do seu país e segue o caminho proletário internacionalista de Lenin e Stalin! Organizem sua segunda revolução socialista e reconquistem seu socialismo roubado! Restabeleçam sua ditadura do proletariado! Não deixem que o imperialismo russo, o cosmopolitismo ocidental, sua própria burguesia nacionalista ou qualquer outra pessoa tire seu poder político recuperado de suas mãos! Viva Stalin! Viva a Transcaucásia revolucionária do mundo! Viva a revolução socialista mundial!

O processo de desintegração do antigo império social-imperialista, dos revisionistas soviéticos, continuou dramaticamente e se aprofundou com a Geórgia. O governo burguês da Geórgia provocou militarmente a invasão de tanques russos com o conhecimento e a vontade dos "conselheiros militares" americanos. O imperialismo dos EUA e, com ele, todo o imperialismo ocidental está capitalizando o colapso do Império da Grande Rússia para avançar mais para o leste e finalmente incorporá-lo aos poucos. Com o novo presidente americano, a guerra quente será temporariamente interrompida por enquanto, mas essa guerra tem sua própria dinâmica histórica. De qualquer forma, os estados imperialistas europeus se sentem compelidos a colocar no gelo a "defesa dos direitos humanos na Geórgia", que foi tão amplamente divulgada na mídia, não apenas por causa das eleições presidenciais americanas, mas também por causa das atrevidas ameaças de Putin de cortar o suprimento de gás aos europeus se eles não pararem de enfiar o nariz nos "assuntos russos". O cerco da Rússia pelo imperialismo mundial visa apertar ainda mais o laço no pescoço até que a Rússia finalmente capitule, das regiões fronteiriças à Rússia Central. Os imperialistas europeus, especialmente os imperialistas alemães, ainda hoje confiam no cavalo económico do alargamento "pacífico", "cooperativo" para o leste, a fim de afastar economicamente as antigas zonas de influência da Europa Oriental do leste dos imperialistas russos. Eles estão se tornando um "filho querido" por trás de ambas as frentes, a fim de obter vantagens com o conflito no Cáucaso, servindo, por um lado, como porta-voz da propaganda para as partes selvagens da burguesia georgiana no poder, não apenas com Euros, mas também com equipamento militar e ajuda. Dá-lhes lições extras em "democracia" e, por outro lado, conclui "contratos de amizade" com o "democrata impecável" Putin, que promete grandes lucros para os dois lados, às custas dos consumidores de gás, é claro (inflação = 21%).

O plano de cercar economicamente a Rússia Central destruindo suas importantes regiões fronteiriças não é novo. Esse plano já era a base de todas as campanhas da Entente contra a Rússia desde os primeiros dias da existência do governo soviético, especialmente no período entre 1918 e 1920. Stalin apontou corretamente na época:

“Além do fato de que a secessão das regiões fronteiriças minaria o poder revolucionário da Rússia central, que está estimulando o movimento de emancipação no Ocidente e no Oriente, as próprias regiões fronteiriças com secessão cairiam inevitavelmente no cativeiro do imperialismo internacional. Basta olhar para a Geórgia, Armênia, Polônia, Finlândia, etc., que se separaram da Rússia, mas que mantiveram apenas a aparência de independência, mas que na realidade foram convertidas em vassalos incondicionais da Entente (...)” (Stalin: 'A Política do Governo Soviético sobre a Questão Nacional na Rússia' em: 'Obras', Volume 4; Moscou; 1953; p.364-365; Edição em Inglês).

E depois que a Rússia se transformou em um novo império czarista imperialista, o que Stalin disse sobre o antigo czarismo se aplica hoje:

“(...) o czarismo suprimiu toda a atividade das massas nas regiões fronteiriças. Por todos esses meios, o czarismo implantou entre a massa das nacionalidades nativas uma profunda desconfiança, às vezes passando diretamente à hostilidade, em relação a tudo que é russo ” (ibid. p.369).”

Os imperialistas mundiais aproveitam o fato de que todos os povos marginalizados estão amaldiçoando a Rússia e equipam a Geórgia para reduzir as esferas de influência do imperialismo russo, a fim de aproveitar o Cáucaso com seus depósitos de matérias-primas, combustíveis e mercados de vendas. O Cáucaso está atualmente sendo desenvolvido como uma reserva do imperialismo internacional, enquanto foi usado como reserva pelo Império Czarista, na União Soviética de Lenin e Stalin (é claro, concereza, que o Cáucaso não foi oprimido por Lenin e Stalin, mas liberado, e transformado uma reserva da revolução mundial, tanto para a libertação dos povos do Ocidente como do Oriente e assim será novamente no futuro!), e depois pelo social-imperialismo russo. A revolução mundial do proletariado

mundial abrirá o caminho para a reunificação das antigas repúblicas soviéticas. Este será o resultado inevitável da desintegração do social-imperialismo soviético, da desintegração do imperialismo russo de hoje e, finalmente, da desintegração do próprio imperialismo mundial, que será acelerado pela enorme luta consumidora de poder contra a Rússia de fora e pelo socialista renovado na revolução por dentro. O povo russo será livre e socialista novamente quando derrotar o imperialismo russo, um dos grandes baluartes do imperialismo mundial, e esta imensa região tornar-se numa Segunda Revolução de Outubro. Os eventos na Geórgia favorecerão os processos revolucionários do mundo.

A liberdade e independência de cada povo, o direito à soberania e ao desenvolvimento de acordo com suas condições e aspirações não podem ser protegidos apenas onde a fronteira do Estado começa e termina, não podem ser protegidos apenas no dia em que o inimigo arrombar a porta e entrar pela lareira. Eles são protegidos diariamente e a cada hora, olho por olho, dente por dente, na luta contra inimigos imperialistas e revisionistas. Pois eles não dormem e não renunciam a seus objetivos, a fim de subjugar todos os países do mundo, grandes ou pequenos.

O que é importante, no entanto, é que hoje se persegue o objetivo de criar uma psicose do medo do "perigo ocidental" entre o povo soviético, apelando aos sentimentos nacionalistas e chauvinistas da Grã-Rússia. Não importa de que lado se olhe para os eventos na Geórgia, eles mostram claramente a cooperação e conspiração dos imperialistas russos e imperialistas ocidentais que, para realizar seus planos egoístas, estão sempre prontos para sacrificar e pisar na liberdade e independência dos povos do Cáucaso, sua honra, dignidade nacional e afogar o Cáucaso em seu próprio sangue.

Afinal, a divisão nacional existe desde que os social-imperialistas russos tomaram o poder, a arma favorita de todos os conquistadores imperialistas.

Naquela época, os revisionistas eram apoiados pelos imperialistas para usá-lo como uma arma contra o socialismo. Eles ignoraram as agressões do social-imperialismo, a fim de ter um caminho livre para suas próprias agressões. Era sobre pechinchas. Hoje, após a eliminação do socialismo no Cáucaso, a lei do lobo do imperialismo mundial governa lá.

Hoje, nada é mais antipopular e odiado por todos os povos do mundo do que a luta agressiva entre os imperialistas do mundo contra a liberdade e a independência dos povos da Transcaucásia. As mãos predatórias, dessa aliança negra e ultra-reaccionária dos imperialistas mundiais, estão sempre em jogo.

- O Comintern (SH), que condena veementemente a agressão do imperialismo russo contra a Geórgia e sua incorporação pelo imperialismo ocidental, lidera uma luta ininterrupta e intransigente contra as políticas agressivas e opressivas do imperialismo mundial desde o início e sempre permanecerá no lado dos povos e contra todos, seja imperialismo, social-imperialismo ou qualquer outro explorador e opressor, não importa que sombra seja.

- O Comintern (SH) apontou mais de uma vez que o imperialismo russo, com sua política fascista-militarista em casa e sua política opressiva, neocolonialista e chauvinista de guerra em nível internacional, inevitavelmente mergulhará em guerras, crises e dificuldades ainda maiores, assim como seus rivais no Ocidente.

- O Comintern (SH) rejeita firmemente toda e qualquer forma de coerção contra as nacionalidades caucasianas, especialmente suas minorias.

- O Comintern (SH) reconhece a igualdade e a soberania dos povos caucasianos na administração de seus próprios assuntos e condena qualquer interferência imperialista e paternalismo de fora –
- O Comintern (SH) sustenta o princípio de que uma unificação duradoura dos povos do Cáucaso só pode ser alcançada com base na cooperação pacífica e no voluntarismo fraterno.
- Para isso, o Comintern (SH) pressupõe a condição fundamental de que o poder do capital tenha sido derrubado em toda a Transcaucásia. A unificação dos povos do Cáucaso só pode ser realizada de forma permanente e pacífica sob as condições da eliminação do capitalismo.

Nessas condições, a única maneira correta e eficaz de defender a liberdade e a independência nacional não é submissão, alianças e compromissos sem princípios, contando com um imperialismo contra outro, mas a maneira unida de todos os povos, contando com suas próprias forças anticapitalistas, a resistência o patriotismo das grandes massas a luta de princípios e inflexível contra os imperialistas americanos, europeus, russos e asiáticos.

Imperialismo, fascismo e revisionismo são conceitos e correntes politicamente globalizados que têm formas diferentes. No entanto, eles se baseiam na ideologia burguesa da exploração e opressão capitalista aos povos, que eles compartilham. Eles podem nada produzir além de contar apenas com a interferência nos assuntos internos e colonização dos países caucasianos, nada além de fratricídio, roubo, agressão, expulsão e guerra.

O imperialismo mundial é a divisão, certa, dos povos do mundo; no entanto, a estrita observância e proteção dos ensinamentos de Lenin e Stalin são a unidade dos povos do mundo contra o imperialismo mundial. Com base nesses ensinamentos, a Questão Nacional foi resolvida e a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas foi criada. Somente defendendo os ensinamentos de Lenin e Stalin é que a unidade da União Soviética e as nacionalidades que a formam são restauradas. O revisionismo moderno dos khrushchevitas havia destruído a União Soviética e a unidade leninista das nacionalidades, jogando-as ao imperialismo mundial.

A dissolução e degeneração ideológica-política, moral, econômica e estatal da União Soviética, mais tarde, levaram à fundação de outros partidos revisionistas. O caminho revisionista era o caminho da traição ao comunismo, concessões à burguesia, o caminho ao nacionalismo pelo qual o sangue dos povos do Cáucaso escorre até hoje. A experiência até agora mostra que, quanto mais progresso o processo de degeneração revisionista alcançou, mais concessões foram feitas à burguesia, aos imperialistas e aos vários nacionalistas. As novas panelinhas revisionistas (por exemplo, Shevardnadze), que assumiram o comando no Cáucaso depois de derrubar as antigas panelinhas, fizeram um trabalho completo lá com a ajuda do Ocidente e serviram o Cáucaso ao imperialismo mundial em uma bandeja de prata. Os revisionistas soviéticos não foram exceção. Eles foram finalmente forçados a fazer concessões à burguesia e ao nacionalismo das várias repúblicas, como aos imperialistas de outros países. Mas os imperialistas russos também têm um limiar de dor que, se cruzado, degenera em um massacre de guerra raivoso.

Para camuflar seu rosto traidor, eles incluíram pessoas de diferentes nacionalidades como supostos representantes na liderança. De fato, todas as suas atividades foram marcadas pelo chauvinismo da Grande Potência Russa, pela política hegemônica, pela política nacionalista reacionária, que

inevitavelmente teve que levar à tirania fascista e imperialista, que resultou na secessão do Cáucaso da União Soviética.

Com a divisão da União Soviética em diferentes estados nacionais, a degeneração total ocorreu; no Cáucaso, as panelinhas burguesas capitalistas haviam tomado o poder. O processo de degeneração revisionista na questão nacional, o processo de dissolução dos partidos comunistas no Cáucaso e a ativação das ideias nacional-chauvinistas da burguesia individual no Cáucaso foram o prelúdio da grande sinfonia revisionista da restauração do capitalismo, que foi jogado até o fim na União Soviética.

Nós, bolcheviques do mundo, temos profunda simpatia pelos povos do Cáucaso em sua luta contra as grandes potências imperialistas, mas não pelo nacionalismo burguês. Somos a favor dos interesses vitais das nações caucasianas, mas dos proletários e não das nações caucasianas burguesas, que se venderam de pele e cabelos ao capitalismo mundial. Nossas simpatias pelo Cáucaso são de natureza internacionalista e apoiamos apenas as forças políticas que são solidárias ao internacionalismo proletário. Somente o proletariado mundial é capaz de salvar as nações da subjugação globalizada do imperialismo mundial hoje. A quem quer que esteja do nosso lado, do lado dos internacionalistas proletários, garantimos a proteção de seus interesses nacionais. Apoiamos incondicionalmente todas as nações que nos ajudam a esmagar o poder do imperialismo mundial. Garantimos às nações sua liberdade, autonomia e independência. Nossa ditadura de classe global não quer achatar a nação, mas destruir seu maior inimigo, o capitalismo mundial! Esta é uma longa luta que vitoriosamente não pode terminar sem o apoio das nações. O proletariado mundial precisa das nações, assim como as nações precisam do proletariado mundial. Portanto, não haverá incorporação forçada de nações na república socialista mundial conosco. A decisão sobre se uma nação se quer juntar a nós ou não é tomada inteiramente pela própria nação, cuja soberania respeitaremos e protegeremos, desde que não se comporte de maneira hostil em relação a nós. Todas as nações florescerão quando o proletariado mundial se libertar do capitalismo mundial, e não o poderá fazer sem o apoio de todas as nações: "Proletariado Mundial, uni todos os países!" Este é o novo slogan de nós bolcheviques mundiais e será ouvido pelas nações se elas quiserem sobreviver. Mas nem uma, nem a questão social do mundo, nem a questão nacional em todos os países do mundo, podem ser alcançadas sem unidade na luta contra o domínio da burguesia mundial, contra o domínio do capitalismo mundial. O sistema capitalista de uma nação se destrói ou é destruído pelo capitalismo mundial, mas não a própria nação. Permanecerá por muito tempo e nossa república socialista mundial cuidará disso. Se as nações decidirem, a partir de suas próprias experiências, juntar-se a nós, unir-se e fundir-se conosco, encorajaremos e apoiaremos isso, mas nunca à força, nunca violando o direito de autodeterminação de cada nação. A violação do direito de autodeterminação dos povos do mundo não pode ser feita conosco, bolcheviques mundiais, porque contradiz e prejudica os princípios básicos do internacionalismo proletário, os interesses do proletariado mundial. E, claro, isso também se aplica ao direito de autodeterminação dos povos da Transcaucásia.

Por outro lado, o chauvinismo das grandes potências e seus objetivos de subjugar os povos do Cáucaso favorecem e consolidam o nacionalismo e as tendências centrífugas. Assim como a luta entre os vários grupos é a principal característica da vida política de qualquer Estado burguês, as divisões e conflitos entre os países do Cáucaso são uma característica do seu desenvolvimento capitalista.

Os partidos revisionistas no Cáucaso haviam-se transformado, na maior parte, em partidos burgueses nacionais, que só tinham em mente os estreitos interesses da burguesia nacional. A política de interferência e pressão que as superpotências imperialistas estão aplicando em relação a elas os levou ainda mais a esse caminho pernicioso.

Os esforços para se libertar da tutela e do domínio da União Soviética são uma das principais características da luta interna da frente revisionista. O Ocidente imperialista aproveitou-se disso.

Como os novos estados burgueses emergentes do Cáucaso renunciaram aos princípios do internacionalismo proletário, os antagonismos nacionais e internacionais irreconciliáveis da burguesia surgiram inevitavelmente em suas relações entre si.

A prática mostrou que a atitude dos revisionistas no Cáucaso era mais do que pró-imperialista. Era uma cooperação aberta com o imperialismo, cujos objetivos eram a supressão da segunda revolução socialista, a eliminação das lutas de libertação nacional dos povos, a liquidação do socialismo e a preservação do capitalismo. Agora, a contra-revolução no Cáucaso tornou-se um facto da vida cotidiana, contra a qual os povos estão atualmente lutando uma luta de vida ou morte. A história do Cáucaso mostra que a traição do proletariado e do socialismo só levou à falência e dissolução, que os povos da Transcaucásia sentem amargamente. Os revisionistas modernos exibiram a bandeira esfarrapada da contra-revolução. Seu caminho levou os povos do Cáucaso à pobreza, servidão e à morte certa.

A dissolução da União Soviética, o colapso do estado multiétnico, inevitavelmente, trouxe consigo a restauração da exploração e opressão social e nacional. O imperialismo social russo reanimou a prisão popular do antigo império czarista, os antigos povos e nações soviéticos, caucasianos perderam sua liberdade, independência, soberania e igualdade nacional. Hoje existem quase 10.000 presos políticos nas prisões da Geórgia. Já ocorreram tumultos nas prisões, que foram sangrentamente reprimidos pelo governo fascista da Geórgia, provocando manifestações contra o governo nas ruas da Geórgia.

Um abismo profundo surgiu agora entre as antigas repúblicas do Cáucaso nos vários desenvolvimentos socioeconómicos nesses países. As nações e nacionalidades não russas estão em uma situação catastrófica como resultado do aumento da exploração e opressão causada pela desnacionalização, assimilação e russificação pelo imperialismo russo. Assim como o imperialismo geralmente assimila estados estrangeiros, o social-imperialismo russo não havia feito o contrário com sua política de fundir todos os povos soviéticos em um "povo soviético unificado". Sob o pretexto de consolidar a unidade do "povo soviético unificado", da "cultura soviética unificada", "unidade nacional soviética", os revisionistas soviéticos da época haviam tomado várias medidas para erradicar as características nacionais de povos e nações não russos, negando a eles os direitos nacionais mais elementares, o direito de desenvolver sua língua e cultura nacional, preservar e cultivar suas tradições e costumes nacionais avançados, que são os pré-requisitos para preservar a identidade nacional. A teoria do "povo soviético unificado" não passava de uma fraude, projetada para impor a russificação total aos povos e nações não-russos e, conseqüentemente, perpetuar o domínio do chauvinismo da Grande-Rússia sobre os povos e nações não-russos da Antiga União Soviética. Durante décadas, a russificação reduziu sistematicamente a população nativa e aumentou a proporção de russos. Na Geórgia e em outras regiões do Cáucaso, a proporção da população nativa foi reduzida para menos de 60%. Os imperialistas russos usam a chamada "proteção minoritária" dos russos que vivem lá como pretexto para justificar a opressão e a exploração neocolonialista da população nativa, não apenas na Geórgia, mas em todas as antigas repúblicas soviéticas.

A questão nacional (das repúblicas soviéticas) só pode ser resolvida em escala mundial e somente com base no internacionalismo. Nem o imperialismo nem o social-imperialismo poderiam resolver a questão nacional e colonial no Cáucaso. Isso só pode ser alcançado através da ditadura do proletariado.

De maneira científica, Stalin justificou que Lenin nunca relacionou a questão da fusão das nações com o período da vitória do socialismo em um único país, mas com o período da vitória do socialismo em todos os países do mundo. As diferenças nacionais e estaduais entre povos e países continuariam a existir por

muito tempo, mesmo após o estabelecimento da ditadura do proletariado em escala mundial. Stalin, portanto, enfatizou que:

“Tentar provocar a fusão de nações por decreto do alto, por compulsão, seria jogar nas mãos dos imperialistas, seria um desastre para a causa da libertação das nações e seria fatal para a causa da organização de co-organizações (cooperação e fraternidade entre as nações). Essa política seria equivalente a uma política de assimilação.” (Stalin: 'The National Question and Leninism' in: 'Works', Volume 11; Moscou; 1954; p.362; Edição em Inglês).

Stalin continua:

"Você sabe, é claro, que a política de assimilação é absolutamente excluída do arsenal do marxismo-leninismo, por ser uma política antipopular e contra-revolucionária, uma política fatal". (ibid).

A Revolução de Outubro criou as condições para a formação de uma vanguarda de libertação nacional do imperialismo. O imperialismo mundial foi forçado a liquidar essa vanguarda, a fim de impedir seu próprio colapso.

Em 1923, 85 anos atrás, Stalin disse em seu relatório ao XII Congresso, que o imperialismo mundial tinha que liquidar essa vanguarda:

“Ou encontramos uma solução prática correta da questão nacional no âmbito desta União, ou aqui, no âmbito desta União, estabelecemos relações verdadeiramente fraternas e verdadeira cooperação entre os povos - nesse caso, em todo o Oriente vemos que nossa federação é a bandeira de sua libertação, é seu destacamento avançado, em cujos passos deve seguir - e esse será o começo do colapso do imperialismo mundial. Ou cometeremos um erro aqui, minar a confiança dos povos anteriormente oprimidos no proletariado da Rússia e privar a União das Repúblicas do poder de atração que ele possui aos olhos do Oriente - caso em que o imperialismo vencerá e nós perderemos. Aí reside o significado internacional da questão nacional.” (Stalin: 'O Décimo Segundo Congresso da R.C.P. (B)' em: 'Trabalhos', volume 6; Moscou; 1953; p.243; Edição em inglês).

“É preciso entender que, se uma força como o chauvinismo da Grã-Rússia florescer e se espalhar, não haverá confiança por parte dos povos anteriormente oprimidos, não teremos cooperação dentro de uma única união e não teremos união das repúblicas.” (ibid; p.252).

“Aqui, também, na esfera da questão nacional, assim como na esfera de outras questões, existe, na opinião de uma seção do Partido, uma confusão que cria um certo perigo. Eu falei da tenacidade das sobrevivências do capitalismo. Deve-se observar que a sobrevivência do capitalismo na mente das pessoas é muito mais tenaz na esfera da questão nacional do que em qualquer outra esfera. Eles são mais tenazes porque são capazes de se disfarçar bem em trajes nacionais.”

“(…) Qual é o desvio para o nacionalismo - independentemente de se tratar de um desvio para o nacionalismo da Grande Rússia ou de um desvio para o nacionalismo local? O desvio para o nacionalismo é a adaptação da política internacionalista da classe trabalhadora à política nacionalista da burguesia. O desvio para o nacionalismo reflete as tentativas da própria burguesia nacional de minar o sistema soviético e restaurar o capitalismo. A fonte desses dois desvios, como você vê, é a mesma. É uma partida do internacionalismo leninista. Se você deseja manter os dois desvios sob fogo, mire principalmente contra essa fonte, contra aqueles que se afastam do internacionalismo - independentemente de se tratar de um desvio do nacionalismo local ou de um nacionalismo da Grande

Rússia. ” (Stalin: 'Relatório ao Décimo Sétimo Congresso da C.P.S.U. (B.)' Em: 'Trabalhos', volume 7; Moscou; 1954; p.368; Edição em inglês).

E Lenin já havia avisado em dezembro de 1922 que:

“Seria oportunismo imperdoável se, às vésperas da estreia do Oriente, exatamente ao despertar, minássemos nosso prestígio com seus povos, mesmo que apenas pela menor crueza ou injustiça em relação às nossas nacionalidades não russas. A necessidade de protestar contra os imperialistas do Ocidente, que estão defendendo o mundo capitalista, é uma coisa. Não há dúvida sobre isso e seria supérfluo falar sobre minha aprovação incondicional. Outra coisa é quando nós mesmos caímos, mesmo que apenas insignificadamente, em atitudes imperialistas em relação a nacionalidades oprimidas, minando assim toda a nossa sinceridade de princípios, toda a nossa defesa de princípios da luta contra o imperialismo.” (Lenin: 'A questão das nacionalidades ou' Autonomização 'em.' Obras coletadas ', volume 36; Moscou; 1977; p.610-611; Edição em inglês).

"Aqui temos uma importante questão de princípio: como o internacionalismo deve ser entendido?" (ibid. p.607).

Esse foi exatamente o caminho que os revisionistas soviéticos seguiram após a morte de Stalin, não apenas estabelecendo seu imperialismo social sobre seus próprios povos não-russos, mas prestando um desserviço aos imperialistas ocidentais, a fim de realizar seus planos de destruir o socialismo, finalmente conquistar esses povos, e depois o próprio povo russo, para separar a URSS.

Em cooperação com os revisionistas modernos, o imperialismo ocidental, liderado pelo imperialismo dos EUA, continuou sua política de cercar, estrangular e liquidar o socialismo pelo método do nacionalismo burguês, pelo método de, em primeiro lugar, afastar os países revisionistas de seu centro soviético e depois as próprias repúblicas soviéticas, as nações umas das outras, por meio da intensificação da animosidade nacional, tanto em relação à Rússia quanto entre as massas das diferentes antigas repúblicas soviéticas. A Federação Soviética, a única vanguarda da revolução mundial, foi transformada em uma vanguarda da contra-revolução internacional. A restauração da era da exploração e opressão desimpedidas pelo imperialismo mundial, especialmente a reconquista do sertão oriental do imperialismo mundial, ocorreu em cooperação e com a ajuda do social-imperialismo. O processo de restauração do capitalismo nos países revisionistas fazia parte do processo de restauração do domínio indiviso do imperialismo mundial, estabelecendo a reação mais negra do mundo.

A resistência e o protesto dos povos e nações não russos contra o chauvinismo da Grande Potência da Rússia foram canalizados através do nacionalismo burguês da nova burguesia nas antigas repúblicas soviéticas não russas para estabelecer exploração e opressão capitalistas em casa. O movimento de libertação nacional contra o imperialismo russo, contra o cosmopolitismo russo, foi paralisado pela contra-revolução georgiana doméstica, inclusive com apoio mais ou menos direto e indireto (não-altruísta) ao imperialismo ocidental e controlado pela burguesia georgiana. Atos de sabotagem foram cometidos contra o movimento de libertação caucasiano, por contradizerem os interesses colonialistas do imperialismo mundial. O “apoio” imperialista à liberdade e independência do povo georgiano e das diferentes nacionalidades serve apenas à opressão e à escravização, seja dos imperialistas russos ou ocidentais. A fim de frustrar os planos e conspirações contra-revolucionários e calorosos dos imperialistas ocidentais e russos, os povos do Cáucaso devem-se unir de maneira revolucionária para lutar contra os imperialistas. Os ocupantes, sejam russos ou da OTAN, devem ser expulsos do país pela força de armas. Qualquer um que desconsidere, viole ou atrepele a liberdade nacional, a independência e a soberania dos povos caucasianos é um inimigo do Cáucaso e será combatido e destruído pelos povos do Cáucaso. O

Cáucaso pertence aos povos e não aos imperialistas! Ninguém tem o direito de interferir violentamente na vida interna, nos assuntos internos dos povos caucasianos, por mais "bem-intencionados" que sejam. As nações do Cáucaso precisam ter poder em questões de sua vida interna e o direito de se estabelecer de acordo com sua própria vontade e viver juntas de acordo com suas próprias idéias. A contra-revolução no Cáucaso, que é alimentada e apoiada pelos imperialistas, atropela essas demandas básicas dos povos do Cáucaso. E enquanto a contra-revolução estiver no comando, não haverá paz entre os povos do Cáucaso.

O triunfo de um Cáucaso revolucionário é a única forma de libertar os seus povos do jugo imperialista e nacionalista. O poder político dos trabalhadores e camponeses do Cáucaso é a chave para a libertação da opressão imperialista e nacionalista, é a chave para a despossessão de todos os imperialistas que estrangulam o Cáucaso. A revolução no Cáucaso vai crescer na luta contra a contra-revolução, contra a política exploradora de "dividir para conquistar"! A sua frente unida anti-imperialista será conseguida na luta contra a divisão nacional da contra-revolução. E é evidente que a política imperialista de incitamento mútuo das nacionalidades caucasianas é a política desprezível que reforça a desconfiança e a animosidade mútuas entre os povos caucasianos, dividindo assim as forças do proletariado e minando a libertação revolucionária do Cáucaso nos seus fundamentos. É precisamente por esta razão que a ponta da espada revolucionária deve ser usada contra aqueles que, sob o pretexto de proteger a "autodeterminação" dos povos do Cáucaso, prosseguem uma política de anexação imperialista directa ou indirecta e de separação violenta. Para salvar o Cáucaso, é necessário exigir a ruptura com os capitalistas, a liquidação total da contra-revolução e a anulação de todos os contratos subjugadores com os imperialistas. Com todos os inimigos dos povos do Cáucaso, e não são poucos, há divisão e luta e não se fazem pactos (inclusive com os inimigos internos!). Por autodeterminação entendemos o direito dos povos a libertarem-se de toda a exploração e opressão, especialmente da sua própria burguesia nacional, de se libertarem de todas as classes exploradoras e opressivas do seu próprio país. A autodeterminação inclui a liberdade do povo de esmagar as forças contra-revolucionárias internas, os seus governos e outros instrumentos de opressão. Quer se trate de exploração e opressão interna ou externa, são incompatíveis com a verdadeira autodeterminação dos povos. Os povos não querem decidir por si próprios por quem preferem ser explorados e oprimidos. Os povos querem um mundo sem exploração e opressão, querem, o apoio de uma revolução mundial contra o imperialismo mundial, a única saída para a exploração e a opressão que resta a todos os povos, incluindo os povos do Cáucaso.

Os povos do Cáucaso foram e não são contra a unificação ou contra a separação dos seus Estados. Mas são absolutamente contra a unificação ou a separação que lhes é imposta pelos imperialistas e pelos seus lacaios. Querem decidir livremente por si próprios, sem que um poder externo lhes diga o que fazer e o que não fazer. Seja a unificação ou a separação, é antes de mais o reconhecimento incondicional da autodeterminação pelos próprios povos, da autodeterminação sobre os seus próprios territórios, das formas da sua construção política, do seu intercâmbio económico, etc. Só uma política democrática consistente pode restabelecer a confiança e a amizade dos povos caucasianos. Só uma tal política pode preparar o caminho para uma verdadeira união dos povos. Só uma política desse tipo facilita a restauração de um Cáucaso socialista que é uma condição prévia para a criação de um baluarte caucasiano contra o imperialismo mundial. Ou o Cáucaso se unirá na luta revolucionária dos seus trabalhadores e camponeses contra os seus governos contra-revolucionários, Quisling, ou não recuperará a sua liberdade, a sua paz, o seu solo.

O que Estaline disse há 90 anos no seu artigo "Don't Forget the East" é hoje mais relevante do que nunca:

"Os imperialistas sempre encararam o Leste como a base da sua prosperidade. Não terão os inestimáveis recursos naturais (algodão, petróleo, ouro, carvão, minérios) do Oriente sido uma "maçã da discórdia" entre os imperialistas de todos os países? (...) É isto que explica sobretudo por que razão mantêm tão

zelosamente a "lei e a ordem" nos países do Leste - sem isto, a retaguarda do imperialismo não estaria segura.

"Mas não é só da riqueza do Oriente que os imperialistas precisam. Eles também precisam da "força humana" "obediente" que abunda nas colónias e semicolónias do Leste. Precisam da "obediente" e "força de trabalho" barata dos povos orientais. Precisam, além disso, dos "obedientes" "jovens rapazes" dos países de Leste, a partir dos quais recrutam as chamadas tropas "de cor", que não hesitarão em lançar contra os "seus" trabalhadores revolucionários. É por isso que chamam aos países de Leste a sua reserva "inesgotável".

"A tarefa do comunismo é quebrar o longo sono da idade (nota do editor: as consequências históricas da traição dos revisionistas russos e georgianos!) dos povos oprimidos do Leste, para infectar os trabalhadores e camponeses destes países com o espírito emancipatório da revolução, para os despertar para a luta contra o imperialismo, privando assim o imperialismo mundial da sua reserva "mais fiável" e "inesgotável" (nota do editor: não só contra o imperialismo ocidental e russo, mas contra todo o imperialismo!)

"Sem isto, o triunfo definitivo do socialismo, a vitória completa sobre o imperialismo, é impensável."

"(...) E não pouca ajuda para revolucionar o Leste será dada pelos próprios imperialistas, com as suas novas anexações, que estão a atrair novos países para a luta contra o imperialismo e a alargar a base da revolução mundial."

"É dever dos comunistas intervir no crescente movimento espontâneo no Leste e desenvolvê-lo ainda mais, numa luta consciente contra o imperialismo". (Estaline: "Don't Forget the East" in: Works', Volume 4; Moscovo; 1953; p.174-176; edição inglesa).

E Estaline continua a sua previsão em "Dois Campos":

"Para acabar com a guerra de forma imperialista, são "obrigados" a condenar os trabalhadores à fome (desemprego em massa devido ao encerramento de fábricas "não rentáveis", impostos indirectos adicionais, um aumento tremendo dos preços dos alimentos); são "obrigados" a pilhar (...) o Cáucaso (...)

É preciso dizer que tudo isto alarga a base da revolução, abala as bases do imperialismo e precipita a inevitável catástrofe"? (Estaline: "Two Camps" in: "Works", Volume 4; Moscovo; 1953; p.241-242; edição inglesa).

O Ocidente não está a trazer libertação, democracia e prosperidade ao Cáucaso, mas sim escravidão e contra-revolução sangrenta. Os acontecimentos na Geórgia já o demonstraram claramente. Os imperialistas vangloriam-se do papel de "ajudantes", "protectores" e "credores" no Cáucaso, mas o seu verdadeiro objectivo é ligar os povos do Cáucaso com cordões económicos, financeiros, políticos e militares, a fim de os tornar dependentes. Eles utilizam as regiões dependentes do Cáucaso como meio de extorsão, controlo, opressão e intervenção militar. Cada dólar, cada rublo e cada euro de "ajuda" à Geórgia não passa de um elo na cadeia de escravização do imperialismo mundial. Cada dólar, cada euro ou cada rublo investido será espremido da Geórgia dez vezes e cem vezes. "Todo o poder para os imperialistas, nativos e aliados!" Este é o slogan da contra-revolução. Depois dos recentes acontecimentos na Geórgia, os povos do Cáucaso vêem onde a rivalidade e a cooperação russo-ocidental estão a conduzir, a tensões e conflitos crescentes e a perigos, em vez de paz e segurança. Os povos do Cáucaso não devem

acreditar nas belas palavras e promessas dos imperialistas russos e ocidentais, mas devem arrancar-lhes a máscara do rosto.

As políticas agressivas rivais do imperialismo ocidental e russo, sua ganância por expansão, domínio e hegemonia no Cáucaso são expressas nas intrigas, conspirações, intervenções e guerras que estão travando lá. E, em detrimento da liberdade e independência dos estados e nacionalidades do Cáucaso, o imperialismo criou organizações e instituições militares, políticas económicas e culturais, que hoje são as principais armas e os principais instrumentos de dominação e pilhagem do mundo, especialmente do Cáucaso. Ao levar a cabo essa estratégia, os vários imperialistas estão realizando atividades febris de espionagem e diversão em relação à Geórgia e aos outros estados do Cáucaso. Espiões treinados foram e continuam sendo enviados para a Geórgia sob a máscara de comerciantes, conselheiros militares, jornalistas, especialistas, turistas, esportistas e mulheres esportivas, até à batina do padre. As atividades subversivas desses espiões do imperialismo mundial são um componente e um meio especial de sua política contra-revolucionária. Com essas atividades, os imperialistas mundiais estão tentando invadir e explorar o Cáucaso com agressão ideológica, política, económica e militar. Tudo está sendo feito para colocar o Estado georgiano em suas mãos, a fim de realizar seus interesses predadores e hegemónicos lá. Os imperialistas dos EUA prepararam sua camarilha pró-americana do governo da Geórgia para um conflito militar com a Rússia para tirar vantagem disso. O dinheiro está sendo bombeado para o país para torná-lo dependente e para facilitar a assimilação. A OTAN serve o imperialismo ocidental com os imperialistas americanos à frente. Os imperialistas dos EUA estão ansiosos para serem vistos como um "observador externo" para o público mundial. Stalin já havia declarado isso no 18º Congresso do PCUS (B) em 1939 (no que diz respeito à atitude americana de "não-intervenção" em relação à anexação da Tchecoslováquia pela Alemanha hitleriana:

“Mas, na verdade, a política de não intervenção significa convivência com a agressão, dar rédea livre à guerra e, conseqüentemente, transformar a guerra em guerra mundial. A política de não intervenção revela uma ânsia, um desejo de não impedir os agressores em seu trabalho nefasto: não impedir o Japão, digamos, de se envolver em uma guerra com a China, ou, melhor ainda, com a União Soviética: permitir que todos os beligerantes se afundem profundamente na lama da guerra, encorajá-los clandestinamente nesse caminho, permitir-lhes enfraquecer e exaurir uns aos outros; e então, quando se tornarem fracos o suficiente, aparecerão em cena com força renovada, aparecerão, é claro, "no interesse da paz" e ditarão condições aos beligerantes debilitados ". (Stalin: 'Relatório sobre o Trabalho do Comité Central para o Décimo Oitavo Congresso da C.P.S.U. (B.)' Em: 'Trabalhos', volume 14; Londres; 1978; p.365-366; Edição em Inglês).

Isso também se aplica à Geórgia hoje. A ditadura da burguesia imperialista sobre o Cáucaso é uma ditadura secreta e encoberta, escondida nos bastidores e enganando o público mundial. Na realidade, a ditadura imperialista sobre o Cáucaso é o domínio de uma minoria beligerante e exploradora sobre a maioria trabalhadora e em busca da paz. É uma ditadura baseada no uso da violência contra os povos do Cáucaso. O resultado das forças imperialistas rivais é decidido pelo capital mundial. A intervenção militar do imperialismo russo foi uma vitória pirra. No final, o que é decisivo é a organização militar que está por trás da capital mundial e hoje é a OTAN e não o exército russo.

A adesão da Geórgia à OTAN prepara o caminho de mais intervenções em direção ao Oriente. A expansão de sua rede de bases militares facilitará a penetração económica e política do Cáucaso, das antigas repúblicas soviéticas, do Oriente Médio e da Ásia pelo imperialismo ocidental. As armas da OTAN não são dirigidas contra o imperialismo, mas contra todos os povos que lutam contra o imperialismo, especialmente contra o proletariado mundial em sua luta pelo domínio político mundial. Apesar das contradições internas da OTAN, que estão piorando com o seu alargamento devido aos

diferentes interesses de seus membros, especialmente em relação aos EUA, a OTAN permanece agressiva e perigosa para a paz mundial e a liberdade e independência dos povos. A Geórgia não se deve tornar a área de implantação dos imperialistas para iniciar uma Terceira Guerra Mundial a partir daí. É dever do proletariado mundial liderar os povos na luta contra a OTAN e contra todas as outras potências militares imperialistas, a fim de esmagá-los para sempre. Ninguém se pode colocar sob o domínio militar de um imperialista para se proteger dos outros imperialistas. Somente os povos se podem proteger contra os imperialistas do mundo juntos, colocando-se sob seu próprio escudo comum. A libertação dos imperialistas do mundo não pode alcançar apenas um povo. A unificação dos países contra o imperialismo mundial é tarefa da revolução proletária mundial. A luta pela libertação dos povos do imperialismo mundial é liderada pelo proletariado mundial. Somente o armamento do proletariado mundial, através de sua luta internacional de classes pelo socialismo mundial, alcançará a vitória sobre o imperialismo mundial e, portanto, o fim da escravização capitalista dos povos. A classe trabalhadora georgiana deve-se ver como um ramo do exército da classe trabalhadora internacional contra a contra-revolução internacional, agir de forma internacional e deve combater o cosmopolitismo do imperialismo mundial e o nacionalismo burguês no Cáucaso.

Finalmente, a libertação do proletariado mundial também está em jogo no Cáucaso. O proletariado mundial é a única força que pode levar os povos (do Cáucaso) à libertação do jugo do imperialismo mundial. Stalin apontou isso:

“Além disso, a história mostra que, embora os povos individuais consigam-se libertar de sua própria burguesia nacional e também da burguesia 'estrangeira', ou seja, embora consigam estabelecer o sistema soviético em seus respectivos países, não podem, enquanto existir o imperialismo, manter e defender com sucesso sua existência separada, a menos que recebam o apoio econômico e militar das repúblicas soviéticas vizinhas.” (Stalin: 'O Décimo Congresso da R.C.P. (B.)' em: 'Trabalhos', volume 5; Moscou; 1953; p.38; Edição em Inglês).

Stalin enfatizou que: "a menos que as repúblicas soviéticas formem uma união estatal, a menos que se unam e formem uma única força militar e econômica, elas não podem suportar as forças combinadas do imperialismo mundial, seja nas forças armadas ou na frente econômica". (ibid.)

Hoje, isso é de importância estratégica mundial revolucionária ainda maior. Sem o papel principal do proletariado mundial, ninguém hoje é capaz de restaurar as condições como existiam depois da Revolução de Outubro, através de uma nova revolução, isto é, a restauração das repúblicas soviéticas. Mesmo então Lenin declarou:

“Não é ingênuo esquecer que o autogoverno no Cáucaso repousa sobre uma revolta armada? Não é pueril imaginar que o que é possível em algumas aldeias de montanha em um distrito de fronteira remota seja possível no coração da Rússia sem a vitória do povo sobre a autocracia?” (Lenin: 'Uma exposição mais lúcida de um plano mais confuso' em: 'Obras coletadas', volume 9; Moscou; 1977; p; p.225; Edição em inglês).

Então, o que Lenin diz aqui sobre as aldeias de montanha do Cáucaso em relação à Rússia também geralmente se aplica a nível internacional. Sem o esmagamento do imperialismo mundial pelo levante armado do proletariado mundial, a libertação do Cáucaso, o restabelecimento da ditadura do proletariado na Transcaucásia, a reconstrução do socialismo no Cáucaso não pode ser garantida, nem mesmo a reconstrução da União Soviética de Lenin e Stalin pode ser garantida. É ingênuo acreditar que isso é possível sem a vitória do proletariado mundial sobre o imperialismo mundial.

Em dezembro de 1922, Lenin comentou as acusações de "nacionalismo social" na Geórgia e enfatizou:

“Primeiro, devemos manter e fortalecer a união das repúblicas socialistas. Disso não há dúvida. Essa medida é necessária para nós e é necessária para o proletariado comunista mundial em sua luta contra a burguesia mundial e sua defesa contra as intrigas burguesas. ” (Lenin: 'A questão das nacionalidades ou' autonomização " em: 'Trabalhos selecionados', volume 36; Moscou; 1977; p.609; edição em inglês).

E assim a ditadura mundial do proletariado precisa da União Mundial das Repúblicas Socialistas Soviéticas para a luta contra a burguesia em todos os países do mundo e para a defesa contra suas intrigas. O proletariado mundial deve sempre mostrar solidariedade de classe com os proletários dos países, especialmente os países menores, e não deve violar sua igualdade. O que Lenin disse à Geórgia: "É por isso que, neste caso, é melhor exagerar do que comprometer as concessões e a clemência com as minorias nacionais". (ibid).

Lenin e Stalin elaboraram esses princípios com base nos quais a liberdade nacional para os povos oprimidos do Cáucaso foi resolvida e nos quais foi criada a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. Na “Declaração dos Direitos dos Povos da Rússia”, adotada pelo Terceiro Congresso dos Sovietes dos Trabalhadores e Soldados de toda a Rússia no início de 1918, a igualdade de direitos e soberania dos povos da Rússia, o direito da autodeterminação das nações até a separação e estabelecimento de um estado independente, a abolição de todos os privilégios ou restrições nacionais, o livre desenvolvimento de minorias nacionais e grupos étnicos que vivem no território da Rússia foram proclamados, entre outras coisas. Esses princípios formam a base da união mundial das repúblicas socialistas hoje e no futuro através do estabelecimento da ditadura mundial do proletariado e da vitória da revolução proletária mundial. Na Guerra Civil de 1918, os bolcheviques foram atacados por três exércitos diferentes da Guarda Branca sob o almirante Kolchak e os gênios Denikin e Yudenich. Do Cáucaso, da Sibéria e do Golfo da Finlândia, eles marcharam para a Rússia central para reconquistar o regime czarista.

Quanto ao revisionismo na Geórgia, ele está enraizado nas tradições do menchevismo georgiano, que já foi o esteio e a ponta de lança da Segunda Internacional na luta contra a revolução e o bolchevismo, e cujas raízes ainda hoje são eficazes. Espalhar o espírito de decomposição na periferia soviética sob o disfarce dos comunistas era a tradição dos elementos nacionalistas pequeno-burgueses da Geórgia. O ex-partido menchevique pequeno-burguês da Geórgia, que se autodenominava Partido dos Trabalhadores Marxista, defendia os interesses das classes exploradoras e, sobretudo, os da burguesia nacional. Eles agitaram a bandeira do nacionalismo na guerra civil e ficaram do lado daqueles que lutaram contra a ditadura do proletariado. Isso os levou a uma aliança de fato com a Guarda Branca e a burguesia imperialista mundial. A política seguida pelos nacionalistas burgueses da Geórgia, promovida pelos intervencionistas, era incitar os povos da Transcaucásia uns contra os outros. Essa política resultou em confrontos sangrentos. Também consistia em perseguir os comunistas, colocando-os na prisão ou matando-os. A polícia secreta menchevique prendeu os comunistas ou expulsou- os da Geórgia. Os delegados do Partido Comunista da Geórgia que estiveram no Segundo Congresso Mundial do Comintern (julho-agosto de 1920) foram impedidos de retornar à sua terra natal. Por outro lado, "convidados ilustres" da Europa Ocidental, os líderes da Segunda Internacional (outono de 1920), foram recebidos para proteger e apoiar os mencheviques da Geórgia. Não foi outro senão Karl Kautsky que elogiou o "paraíso" menchevique da Geórgia. Mas ele não pôde deixar de admitir abertamente que na Geórgia "todas as classes sentiram a pressão" (Kautsky: "Geórgia: uma república camponesa social-democrata - impressões e observações"; Londres; 1921; edição em inglês).

A Geórgia tornou-se o centro da contra-revolução na Transcaucásia. Foi lá que os fundos para armas foram coletados e distribuídos para equipar as quadrilhas contra-revolucionárias e direcioná-las contra o

proletariado russo, contra os bolcheviques. Assim, os derivados de petróleo comprados no Azerbaijão (que já havia se tornado uma jovem república soviética!) foram, secretamente, enviados para as tropas de Wrangel. A reação da Geórgia vendeu os seus interesses às potências imperialistas transformou-a na área de implantação de uma nova intervenção anti-soviética. Os mencheviques traíram a Geórgia para a Turquia, entre outros, e conseguiram a ocupação de Batumi pelas tropas turcas em um acordo secreto. Quando o Exército Vermelho entrou na cidade, os últimos mencheviques fugiram da Geórgia em um navio italiano para países estrangeiros. A partir daí, os emigrantes mencheviques não desistiram de sua luta contra-revolucionária. Se o sucesso da burguesia imperialista durante as crises do Cáucaso foi o sucesso da burguesia imperialista e seus povos foram os enganados, não foi apenas devido à organização altamente desenvolvida e poder financeiro da burguesia imperialista, mas também porque as classes altas vacilantes da pequena burguesia e seus partidos, que foram seguidos por grandes massas da pequena burguesia, ficaram do lado imperialista da barricada e se contrataram como lacaios imperialistas.

A Geórgia estava de facto em uma profunda crise económica, que fortaleceu os sentimentos revolucionários entre as massas trabalhadoras.

“E a guerra dos 'governos nacionais' contra o poder soviético levou o conflito das massas nacionais com esses 'governos' a ponto de uma ruptura completa, para abrir rebelião contra eles.”

“Assim foi formada uma aliança socialista dos trabalhadores e camponeses de toda a Rússia contra a aliança contra-revolucionária dos 'governos' nacionais burgueses das regiões fronteiriças da Rússia.” A luta dos "governos" da fronteira é retratada por alguns como uma luta pela emancipação nacional contra o "centralismo sem alma" do regime soviético. Mas isso é bastante falso. Nenhum regime no mundo permitiu uma descentralização tão extensa, nenhum governo do mundo jamais concedeu aos povos uma liberdade nacional tão completa quanto o poder soviético na Rússia.

A luta dos "governos" da fronteira foi e é uma luta da contra-revolução burguesa contra o socialismo. A bandeira nacional é pregada à causa apenas para enganar as massas, como uma bandeira popular que esconde convenientemente os projetos contra-revolucionários da burguesia nacional.

"Mas a luta dos "governos" nacionais" e regionais "provou ser desigual. Atacados de dois lados - de fora pelo poder soviético da Rússia e de dentro por "seus próprios" trabalhadores e camponeses - os "governos nacionais" foram obrigados a recuar após os primeiros compromissos. (...) a revolução agrária no Cáucaso e a total impotência dos “conselhos nacionais” da Geórgia (...) todos esses são fatos geralmente conhecidos que demonstram o isolamento completo dos “governos” fronteiriços das “próprias” massas trabalhadoras. Totalmente derrotados, os "governos nacionais" foram "obrigados" a apelar por ajuda contra "seus próprios" trabalhadores e camponeses aos imperialistas do Ocidente, aos opressores e exploradores de longa data das nacionalidades do mundo.

"Assim começou o período de intervenção e ocupação estrangeira das regiões fronteiriças - um período que mais uma vez revelou o caráter contra-revolucionário dos governos "nacionais" e "regionais".

"Só agora ficou óbvio para todos que a burguesia nacional estava se esforçando não pela libertação de seu próprio povo da opressão nacional, mas pela liberdade de espremer lucros deles, pela liberdade de reter seus privilégios e capital.”

“Só agora ficou claro que a emancipação das nacionalidades oprimidas era inconcebível sem uma ruptura com o imperialismo, sem a derrubada da burguesia das nacionalidades oprimidas, sem a transferência de poder para as massas trabalhadoras dessas nacionalidades.”

Assim, a antiga concepção burguesa do princípio da autodeterminação, com seu slogan "todo o poder para a burguesia nacional" foi exposto e deixado de lado pelo próprio curso da revolução. A concepção socialista do princípio da autodeterminação, com seu slogan "todo o poder para as massas trabalhadoras das nacionalidades oprimidas", entrou na massa trabalhadora e tornou-se possível aplicá-la.

“Assim, a Revolução de Outubro, pondo fim ao antigo movimento burguês pela emancipação nacional, inaugurou a era de um novo movimento socialista dos trabalhadores e camponeses das nacionalidades oprimidas, dirigido contra toda opressão - inclusive, portanto, nacional - contra o poder da burguesia, "própria", estrangeira e contra o imperialismo em geral (Stalin: "A Revolução de Outubro e a Questão Nacional" em: "Trabalhos", volume 4; Moscou; 1953; p.164-166; Edição em inglês).

E Stalin afirmou ainda mais corretamente que:

“Os“ governos ”burgueses apressadamente inventados nas regiões fronteiriças da Rússia provaram ser bolhas de sabão, inadequadas como uma camuflagem para a intervenção, que havia sido realizada, é claro (é claro!), em nome de 'humanitarismo' e 'civilização' (Stalin: 'Two Camps' in: 'Works', Volume 4; Moscou; 1953; p.242; Edição em Inglês).

O levante armado preparado pelos bolcheviques na Geórgia começou na noite de 11 a 12 de fevereiro de 1921, em Rayon Lori. Suas faíscas acenderam o fogo revolucionário em muitas partes da Geórgia, como Abkhazia e Ossétia do Sul. Os mencheviques usaram tropas regulares contra os insurgentes e se voltaram para os imperialistas da Entente e para o Dashnaks armênio, que acabara de instigar um motim, em busca de ajuda. Por seu lado, o Comitê Revolucionário da Geórgia, em nome dos insurgentes, pediu apoio às repúblicas soviéticas, e elas imediatamente atenderam ao pedido dos trabalhadores e camponeses da Geórgia, seguindo os princípios do internacionalismo proletário. Em 25 de fevereiro, o Exército Vermelho, liderado pelo Comitê Revolucionário e as unidades do Exército Vermelho que vieram em seu auxílio, mudou-se para Tbilisi por decisão do CC da R.C.P. (B.) e sob ordens diretas de Lenin e Stalin.

Este dia em que a Geórgia se libertou também foi o aniversário da República Socialista Soviética da Geórgia. Um dia antes do levante revolucionário na Geórgia, em 10 de fevereiro, Stalin publicou o artigo "Sobre as próximas tarefas do partido na questão nacional", no 9 do "Pravda":

"5. As organizações comunistas nas regiões fronteiriças estão se desenvolvendo sob condições um tanto peculiares que retardam o crescimento normal do Partido nessas regiões. Por um lado, os comunistas da Grã-Rússia que trabalham nas regiões de fronteira e cresceram durante a existência de uma nação "dominante" e não sofreram opressão nacional, muitas vezes subestimam a importância de características nacionais específicas no trabalho do Partido, ou ignoram-os completamente; em seu trabalho, eles não levam em conta as características específicas da estrutura de classe, cultura, modo de vida e história passada da nacionalidade em questão e, assim, vulgarizam e distorcem a política do Partido na questão nacional. Isso leva a um desvio do comunismo para uma perspectiva de nação dominante e colonialista, para o chauvinismo da Grã-Rússia. Por outro lado, os comunistas da população nativa local que experimentaram o período difícil da opressão nacional e que ainda não se libertaram totalmente das memórias assustadoras desse período, muitas vezes exageram a importância de características nacionais específicas no trabalho do Partido, deixar os interesses de classe dos trabalhadores na sombra, ou simplesmente confundir os interesses dos trabalhadores da nação preocupados com os interesses "nacionais" dessa nação; eles são incapazes de separar o primeiro do último e basear seu trabalho do Partido neles. Isso, por sua vez, leva a um desvio do comunismo para o nacionalismo democrático-burguês, que às vezes assume a forma de pan-islamismo, pan-turquismo (no Oriente). [Nota: Lenin

considerava o pan-islamismo como uma das correntes que 'se esforçam para combinar o movimento de libertação contra o imperialismo europeu e americano, com uma tentativa de fortalecer as posições dos clãs, proprietários de terras, mulás, etc.' (ver Volume 31 de Obras coletadas, página 149). Na Rússia, após a Revolução Socialista de outubro, o pan-islamismo e o pan-turquismo foram explorados pelos elementos contra-revolucionários para lutar contra o poder soviético].

“Este congresso, condenando enfaticamente esses desvios como prejudiciais e perigosos à causa do comunismo, considera necessário apontar o perigo especial e a nocividade especial do primeiro desvio mencionado, o desvio em direção a uma nação dominante, a perspectiva colonialista. O congresso lembra ao Partido que, a menos que as sobrevivências colonialista e nacionalista sejam superadas, será impossível construir nas regiões fronteiriças organizações genuinamente comunistas fortes, ligadas às massas, que unam em suas fileiras os elementos proletários da comunidade local, populações nativas e russas com base no internacionalismo. O congresso considera, portanto, que a eliminação das vacilações nacionalistas e, principalmente, colonialistas, no comunismo, é uma das tarefas mais importantes do Partido nas regiões fronteiriças.

"6. Como resultado dos sucessos alcançados nas frentes de guerra, principalmente após a liquidação de Wrangel, em algumas regiões da fronteira atrasada, onde há pouco ou nenhum proletariado industrial, houve um aumento do influxo de elementos nacionalistas pequeno-burgueses para o Partido, por uma carreira. Levando em consideração a posição do Partido como a verdadeira força governante, esses elementos geralmente se disfarçam em cores comunistas e costumam-se infiltrar no Partido em grupos inteiros, levando consigo um espírito de chauvinismo e desintegração, pouco disfarçados, enquanto as organizações geralmente fracas do Partido nas regiões fronteiriças nem sempre são capazes de resistir à tentativa de "expandir" o Partido aceitando novos membros.

“Apelando a uma luta resoluta contra todos os elementos pseudo-comunistas que se ligam ao Partido do proletariado, o congresso adverte o Partido contra a 'expansão', ao aceitar elementos nacionalistas e intelectuais pequeno-burgueses. O congresso considera que as fileiras do Partido nas regiões fronteiriças devem ser reforçadas principalmente pelos proletários, pobres e camponeses trabalhadores dessas regiões, e que ao mesmo tempo deve ser realizado trabalho para fortalecer as organizações do Partido na fronteira, melhorando a qualidade de seus membros ". (Stalin: 'As tarefas imediatas do partido na questão nacional' em: 'Trabalhos', volume 5; Moscou; 1953; p.28-30; Edição em inglês).

Em seu discurso "Momentos Nacionais no Edifício do Partido e do Estado", proferido no 10º Congresso do Partido, ele falou sobre os momentos nacionais no edifício do partido e do estado.

Em seu discurso "Fatores Nacionais em Assuntos Partidários e Estatais", proferido no XII Congresso da R.C.P. (B.) em 23 de abril de 1923, Stalin aborda os problemas na Transcaucásia, especialmente os da Geórgia: “Na medida em que esse processo (...) está criando os pré-requisitos materiais para o futuro sistema econômico socialista mundial."

2. Mas essa tendência se desenvolveu de formas peculiares que estavam completamente em desacordo com seu significado histórico intrínseco. A dependência mútua dos povos e a união econômica de territórios ocorreu no curso do desenvolvimento do capitalismo, não como resultado da cooperação das nações como entidades com direitos iguais, mas mediante a subjugação de algumas nações por outras, por meio da opressão e exploração de nações menos desenvolvidas por nações mais desenvolvidas. Pilhagem e anexos coloniais, opressão e desigualdade nacional, tirania e violência imperialistas, escravidão colonial e sujeição nacional e, finalmente, a luta entre as nações “civilizadas” pela dominação dos povos “não

civilizados” - essas eram as formas pelas quais o desenvolvimento de relações económicas mais estreitas entre os povos.

“Assim, a contradição irreconciliável entre o processo de união económica dos povos e os métodos imperialistas de realizar essa união foi a causa da incapacidade, desamparo e impotência da burguesia em encontrar uma abordagem correta para a solução da questão nacional.” (Stalin: 'Fatores nacionais nos assuntos do partido e do Estado' em: 'Trabalhos', volume 5; Moscou; 1953; p.184-186; Edição em inglês).

A URSS havia resolvido a questão nacional. Mas isso era mais fácil dizer do que fazer. Havia dois fatores que promoveram a unificação com a URSS e fatores que a impediram. Stalin falou do chauvinismo da Grã-Rússia, que gerou nacionalismo anti-russo. Ele falou sobre isso no 12º Congresso do Partido da seguinte maneira:

“Poderíamos concentrar toda a força de nossas atividades, toda a força de nossa luta, contra o chauvinismo da Grã-Rússia, na esperança de que, assim que esse inimigo poderoso for vencido, o nacionalismo anti-russo, será com a participação dele mesmo; pois, repito, em última análise, esse nacionalismo é uma reação ao nacionalismo da Grã-Rússia, uma retaliação a ele, uma certa forma de defesa. Sim, seria assim se o nacionalismo anti-russo nas localidades não passasse de uma reação ao nacionalismo da grande- Rússia. Mas o problema é que em algumas repúblicas esse nacionalismo defensivo está se transformando em nacionalismo agressivo.”

“Pegue a Geórgia. Mais de 30% de sua população não são georgianos. Eles incluem armênios, abkhazianos, ajarianos, ossétios e tártaros. Os georgianos estão à frente. Entre alguns comunistas da Geórgia, uma ideia surgiu e está ganhando terreno, a de que não há necessidade particular de contar com essas pequenas nacionalidades; eles são menos cultivados, menos desenvolvidos, dizem eles, e, portanto, não há necessidade de os ter em conta. Isso é chauvinismo - chauvinismo prejudicial e perigoso; pois pode transformar a pequena república da Geórgia em uma arena de conflitos. De fato, já a transformou em uma arena de conflitos.

“Às vezes, esse chauvinismo começa a passar por uma evolução muito interessante. Eu tenho em mente a Transcaucásia. Você sabe que a Transcaucásia é composta por três repúblicas, abrangendo dez nacionalidades. Desde tempos muito remotos, a Transcaucásia tem sido uma arena de massacres e conflitos e, sob os mencheviques e as dashnaks, era uma arena de guerra. Você conhece a guerra da Geórgia-Armênia. Você também conhece os massacres no Azerbaijão no início e no final de 1905. Eu poderia mencionar toda uma lista de distritos em que a maioria dos armênios massacrou todo o resto da população, composta de tártaros (Zangezur, por exemplo). Eu poderia mencionar outra província - Nakhichevan. Lá, os tártaros predominaram e massacraram todos os armênios. Isso foi pouco antes da libertação da Armênia e da Geórgia do jugo do imperialismo. (voz: “Essa era a sua maneira de resolver a questão nacional.”). Essa, é claro, também é uma maneira de resolver a questão nacional. Mas não é o caminho soviético. Certamente, os trabalhadores russos não são os culpados por esse estado de inimizade nacional mútua, pois são os tártaros e armênios que estão lutando sem os russos. É por isso que na Transcaucásia é necessário um órgão especial para regular as relações entre as nacionalidades.”

“Pode-se afirmar com confiança que as relações entre o proletariado da nação anteriormente dominante e os trabalhadores de todas as outras nacionalidades constituem três quartos de toda a questão nacional. Mas um quarto dessa questão deve ser atribuído às relações entre as próprias nacionalidades anteriormente oprimidas.”

“E se, nessa atmosfera de desconfiança mútua, o governo soviético não tivesse conseguido estabelecer na Transcaucásia um órgão de paz nacional capaz de resolver todos os atritos e conflitos, teríamos voltado à era do czarismo, ou à era dos Dashnaks, o Mussavistas, aos mencheviques, quando as pessoas mutilavam e se matavam com frequência. É por isso que o Comitê Central afirmou em três ocasiões a necessidade de preservar a Federação Transcaucásia como um órgão de paz nacional.”

“Houve e ainda existe um grupo de comunistas da Geórgia que não se opõem à união da Geórgia com a União das Repúblicas, mas que se opõem a que essa união seja efetuada através da Federação Transcaucásia. Eles, como vêem, gostariam de se aproximar da União, dizem que não há necessidade desse muro divisório na forma da Federação Transcaucásia entre eles - os georgianos - e a União das Repúblicas, a federação, dizem: é supérfluo. Eles pensam que isso parece muito revolucionário.”

“Mas há outro motivo por trás disso. Em primeiro lugar, essas declarações indicam que, na questão nacional, a atitude em relação aos russos é de importância secundária na Geórgia, pois esses camaradas, os desviantes (como são chamados), não fazem objeção à entrada direta da União na Geórgia; isto é, eles não temem o chauvinismo da Grã-Rússia, acreditando que suas raízes foram cortadas de uma maneira ou de outra, ou, de qualquer forma, que isso não é de importância decisiva. Evidentemente, o que eles mais temem é a federação da Transcaucásia. Por quê? Por que as três principais nações que habitam a Transcaucásia, que lutaram entre si por tanto tempo, massacraram-se e guerream entre si, por que deveriam essas nações, agora que o poder soviético finalmente as uniu por laços de união fraterna na forma de uma federação, agora que esta federação produziu resultados positivos, por que eles deveriam romper esses laços federais? Qual é o sentido, camaradas?”

“O ponto é que os laços da Federação Transcaucásia privam a Geórgia daquela posição um tanto privilegiada que ela poderia assumir em virtude de sua posição geográfica. Julguem por si mesmos. A Geórgia tem seu próprio porto - Batum - através do qual as mercadorias fluem do Ocidente; A Geórgia tem um entroncamento ferroviário como Tiflis, que os armênios não podem evitar, nem o Azerbaijão, porque ela recebe seus bens através de Batum. Se a Geórgia fosse uma república separada, se ela não fizesse parte da Federação Transcaucásia, ela poderia apresentar algo da natureza de um pequeno ultimato tanto à Arménia, que não pode prescindir de Tiflis, quanto ao Azerbaijão, que não pode prescindir de Batum. Haveria algumas vantagens para a Geórgia nisso. Não foi por acaso que o notório decreto selvagem que estabeleceu cordões de fronteira foi elaborado na Geórgia. Serebryakov agora está sendo responsabilizado por isso. Vamos permitir que ele seja o culpado, mas o decreto se originou na Geórgia, não no Azerbaijão ou na Arménia.

“Depois, há mais um motivo. Tiflis é a capital da Geórgia, mas os georgianos não representam mais de 30% da população, os armênios não menos de 35% e depois vêm todas as outras nacionalidades. É assim que é a capital da Geórgia. Se a Geórgia fosse uma república separada, a população poderia ser alterada de alguma forma - por exemplo, a população arménia poderia ser deslocada de Tiflis. Não foi adotado um decreto conhecido na Geórgia para "regular" a população de Tiflis, sobre a qual o camarada Makharadze disse que não era dirigido contra os armênios? A intenção era reorientar a população para reduzir o número de armênios em Tiflis de ano para ano, tornando-os menos que os georgianos e, assim, converter Tiflis em uma verdadeira capital georgiana. Concordo que eles tenham rescindido o decreto de despejo, mas eles têm um vasto número de possibilidades, um vasto número de formas flexíveis - como “descongestionamento” - pelas quais seria possível, mantendo uma aparência de internacionalismo, organizar os assuntos de tal maneira que os armênios de Tiflis seriam minoria.

“São essas vantagens geográficas que os desviadores da Geórgia não querem perder, e a posição desfavorável dos georgianos em Tiflis, onde há menos georgianos do que armênios, que estão fazendo

com que nossos desviadores se oponham à federação. Os mencheviques simplesmente despejaram armênios e tártaros de Tiflis. Agora, porém, sob o regime soviético, o despejo é impossível; portanto, eles querem deixar a federação, e isso criará oportunidades legais para a execução independente de certas operações, o que resultará na posição vantajosa de que os georgianos são totalmente utilizados contra o Azerbaijão e a Armênia. E tudo isso criaria uma posição privilegiada para os georgianos na Transcaucásia. Aí reside todo o perigo. (Stalin: 'O Décimo Segundo Congresso da R.C.P. (B.)' em: 'Trabalhos', volume 5; Moscou; 1953; p.254-259; Edição em Inglês).

E esse ponto de vista internacionalista é defendido pelo Stalin georgiano. É notável. Ele não quer privilégios para ninguém, nem nacionalidade. Em vez disso, ele quer a eliminação e abolição de privilégios que dividem os povos, ele quer a unificação dos povos, das nacionalidades sem privilégios. E esta é exatamente a base sobre a qual os povos do Cáucaso, e especialmente a Geórgia, devem permanecer! Esta é a posição do internacionalismo proletário!

“Podemos ignorar os interesses da paz nacional na Transcaucásia e permitir a criação de condições sob as quais os georgianos estariam em uma posição privilegiada em relação às repúblicas da armênia e do Azerbaijão? Não. Não podemos permitir isso.

"Existe um sistema antigo e especial de nações governantes, sob o qual uma autoridade burguesa favorece certas nacionalidades, concede privilégios e humilha as outras nações, não desejando se incomodar com elas" (ibid. p.259-260).”

“É nesse caminho perigoso que nossos camaradas, os desviantes da Geórgia, estão nos pressionando contra a federação, violando todas as leis do Partido, querendo se retirar da federação para manter uma posição vantajosa. Eles estão nos empurrando para o caminho de conceder-lhes certos privilégios às custas das repúblicas Armênia e do Azerbaijão. Mas este é um caminho que não podemos seguir, pois significa morte certa para toda a nossa política e para o poder soviético no Cáucaso.”

“Não foi por acaso que nossos camaradas na Geórgia sentiram esse perigo. Esse chauvinismo georgiano, que passou para a ofensiva contra os armênios e azerbaijanos, alarmou o Partido Comunista da Geórgia.”

“Naturalmente, o Partido Comunista da Geórgia, que realizou dois congressos desde a sua existência legal, em ambas as ocasiões rejeitou por unanimidade a posição dos camaradas desviantes, pois nas atuais condições é impossível manter a paz no Cáucaso. Impossível estabelecer igualdade, sem a Federação Transcaucásia. Uma nação não deve ter mais privilégios do que outra. Isso foi o que nossos companheiros sentiram. É por isso que, após dois anos de disputa, o grupo Mdivani é um punhado pequeno, repetidamente expulso pelo Partido na própria Geórgia.”

“Também não foi por acaso que o camarada Lenin estava com tanta pressa e insistiu tanto que a federação deveria ser estabelecida imediatamente. Também não foi por acaso que nosso Comitê Central, por três vezes, afirmou a necessidade de uma federação na Transcaucásia, com seu próprio Comitê Executivo Central e sua própria autoridade executiva, cujas decisões seriam vinculativas para as repúblicas. Não foi por acaso que as duas comissões - camarada Dzerzhinsky e Kamenev e Kuibyshev - na chegada a Moscou declararam que a federação era indispensável.

“Por último, não é por acaso que os mencheviques de Sotsialistichesky Vestnik ['O Mensageiro Socialista', que era o órgão dos emigrantes brancos mencheviques fundados por Martov em fevereiro de 1921; apareceu em Berlim até março de 1933, em Paris, de maio de 1933 a junho de 1940, e mais tarde na América. O 'Sotsialistichesky Vestnik' é um porta-voz dos círculos imperialistas mais reacionários. Este

tipo de bocal também está sendo reativado na Europa com os eventos na Geórgia hoje. Ainda existe um número considerável de grupos de emigrantes georgianos que se escondem atrás de frases da "democracia" ocidental, a fim de se esconderem sob o "escudo protetor" do oeste "civilizado" (rico em capital!). Alguns deles são antigas redes burguesas e pequeno-burguesas e remanescentes desde o período da Segunda Internacional até a derrubada da URSS de Lenin e Stalin, todos os elementos reacionários que continuam hoje a tradição do anti-stalinismo na Geórgia. A propósito, Stalin lutou contra esses elementos reacionários de grupos de emigrantes na Europa até sua morte] louvando nossos camaradas desviantes e louvando-os aos céus por uma oposição à federação: pássaros de uma pluma voam juntos ” (ibid. p.261-262).

Tudo isso é direcional para o Partido Bolchevique Mundial. O que Stalin diz aqui foi verdadeiro para o Primeiro Período do Socialismo. Mas e o Segundo Período do Socialismo, ou seja, o período da vitória do socialismo em escala mundial?

No Segundo Período do Socialismo, também haverá áreas centrais e regiões fronteiriças no mundo. O primeiro desvio consiste na transferência mecânica de métodos nas regiões central e fronteira. Esta transferência mecânica é proibida por causa das diferentes condições que aí prevalecem. O segundo desvio é que não existem estágios de desenvolvimento idênticos nas diferentes áreas centrais ou nas diferentes áreas periféricas, mas que as peculiaridades devem ser levadas em consideração, o que significa que métodos especiais devem ser aplicados nas respectivas áreas. O centralismo sempre permanece uma característica da construção do socialismo, seja no primeiro ou no segundo período. Mas isso não deve levar as regiões fronteiriças e as zonas-tampão entre as regiões central e fronteira sendo consideradas meros apêndices, como uma questão secundária. O socialismo mundial é tão forte quanto seu elo mais fraco. Portanto, deve garantir que as regiões fronteiriças se tornem cada vez mais integradas e acompanhem o desenvolvimento mundial do socialismo. A economia socialista mundial só pode funcionar se a relação dialética de todas as áreas do mundo forem mantida em equilíbrio, se todas as áreas estiverem conectadas por rodas dentadas mundiais, se as forças produtivas e as relações de produção em todas as áreas do mundo forem desenvolvidas harmoniosamente de acordo com as suas condições.

Assim como Stalin lutou contra o chauvinismo da Grã-Rússia na unidade dialética em conjunto com o nacionalismo local, a luta contra o perigo do cosmopolitismo, por um lado, e as tendências do nacionalismo nos países socialistas individuais, por outro lado, devem estar dialeticamente ligadas ao socialismo mundial, para consolidar e fortalecer o internacionalismo socialista.

Assim como o cosmopolitismo da burguesia mundial deve ser superado em escala internacional, o nacionalismo burguês nos países socialistas individuais deve ser eliminado. Ambos podem apenas evoluir de mãos dadas. A ditadura mundial do proletariado falhará se não puder contar com o apoio da ditadura do proletariado em cada país e, inversamente, a ditadura do proletariado de um país não se desenvolverá se não confiar na ditadura mundial do proletariado. Ambos se complementam, se controlam, se unem e se confiam. Sem fortalecer os países socialistas, a construção da economia socialista mundial cairá no caminho de construção do socialismo e vice-versa.

Os países socialistas precisam de um corpo comum especial que, na construção conjunta do socialismo mundial, não apenas regule suas relações mútuas, mas também represente os interesses de todos os países socialistas. Assim, o órgão da república mundial do proletariado será acompanhado por um órgão igual dos interesses dos países socialistas, exactamente, como foi regulamentado na URSS nos tempos de

Lenine e Stalin. Na Declaração sobre a Formação da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, foi dito, entre outras coisas que:

"Por fim, a própria estrutura do poder soviético, que é internacional em sua natureza de classe, impele as massas trabalhadoras das repúblicas soviéticas a se unirem em uma única família socialista"(Stalin: 'Apêndices' em: 'Trabalhos', volume 5; Moscou, 1953; p.404; Edição em inglês).

Também foi enfatizado que “o novo estado sindical provará ser uma coroa digna da fundação para a coexistência pacífica e cooperação fraterna dos povos que foi estabelecida em outubro de 1917, e que servirá como baluarte seguro contra o capitalismo mundial e como um novo e decisivo passo em direção à união dos trabalhadores de todos os países em uma República Socialista Soviética Mundial. ” (ibid).

No primeiro período do socialismo, o slogan era: "proletários, unam as repúblicas socialistas soviéticas!" E hoje, com o início do Segundo Período do Socialismo, o slogan é: "proletariado mundial, unam todos os países da República Socialista Mundial!"

A República Socialista Mundial se baseará nas grandes realizações dos povos socialistas do Cáucaso, aprenderá com suas experiências positivas e negativas, não apenas com sua história socialista.

Na República Socialista Mundial, a Federação restabelecida da Transcaucásia, na qual todas as nações socialistas e nacionalidades do Cáucaso estão mais uma vez voluntariamente, iguais e fraternamente unidas, desempenhará um papel honroso e próspero além de vir a defender a bandeira de Stalin.